

MÚSICA

LUÍS CÍLIA:

«As pessoas que são conscientes do que representa a nova «canção portuguesa» deveriam possibilitar aos seus cantores viver da música»

Escrevia o crítico musical do jornal «Les Lettres Françaises», René Bourdier, a propósito do terceiro disco de Luís Cília: «As melodias de Cília enraizaram-se em terra portuguesa e é Portugal que cantam. Poderemos dizer que elas abrem e começam a explorar o domínio da canção poética portuguesa».

Fato é pelo menos o reconhecimento da verdade das canções de Cília, que têm sentido uma notória afirmação evolutiva no seu equilíbrio poético-musical. Não se trata já de uma música de criação «espontânea» (entendendo-se como fortuita), mas que é fruto de uma actividade baseada no estudo. A este propósito, de resto, é significativo que Cília tenha como colaborador instrumental o melhor contrabaixo francês, François Rabath.

Com 26 anos, natural de Nova Lisboa, ex-estudante de Economia, Luís Cília vive há cinco anos em Paris. Aqui o procurámos, registando para o CF algumas das suas declarações.



Luís Cília, cantando.

«A canção é (hoje, sobretudo) um elemento consciencializante.»

● A par dum pequeno grupo de cantores e compositores que trabalha com honestidade e inteligência numa música portuguesa autêntica (José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire, Carlos Paredes, tu), existem, as dezenas, os cantores e compositores menores, que mercê da mediocridade do seu trabalho conseguem uma larga audiência junto do público em geral, contribuindo para a passividade — e até idílica — da grande camada da população. A que atribue este estado de coisas?

— A música e o futebol, de facto, têm sido instrumentos altamente narcotizantes. A que atribuí-lo, é difícil dizê-lo. As ajudas são quase sempre proporcionadas a músicos medíocres, em vez de o serem aos que realmente trabalham com consciência. Acho, entretanto, que mercê da sua miséria, essa má «música portuguesa» tende a desaparecer.

● Acreditas que as pessoas começarão a aperceber-se da falsidade que lhes é vendida e se interessarão pela música válida?

— Sim, e isso é lógico. O problema é que até há pouco tempo não havia nada. O movimento, se assim se pode chamar, da «Nova Música Portuguesa», é recente, e não será de um dia para o outro que se

irá impor junto do público que hoje ouve os Tomás de Matos e os Madalenas. Há neste público, a par dum despreparo natural, uma série de maus hábitos. Vai ser longo. Mas se é que só faz agora é mesmo bom, esta «nova música» acabará por se impor. A verdade vem sempre ao de cima.

● Acompanhas o que se faz em Portugal?

— Conheço o excelente trabalho de José Afonso, há muito tempo. Corajoso, mesmo, sob o ponto de vista musical, já que uma pessoa que praticamente não se tem ouvido no rádio, que não vai à Televisão, que não tem apoio nenhum, e que consegue fazer uma música de tal qualidade tem de ser forçosamente corajosa. Conheço o trabalho de Adriano Correia de Oliveira e de Manuel Freire, que é sem dúvida importante. E sei da existência do Padre Fanhais, mas nunca ouvi nada dele.

Giacometti

e Lopes Graça

● E Giacometti e Lopes Graça?

— Sim, claro, mas esse é outro trabalho. O nosso é um trabalho de canção, com ou sem raiz popular (isto é difícil de se ver). Seré pretensioso estar a equiparar o nosso trabalho com o de Giacometti e Lopes Graça, na medida em que muitos de nós não estamos ainda preparados para ir até ao fundo e para de facto estudar bem a música popular, de forma a ser feito um trabalho sério. A actividade de Giacometti é extraordinária. (Foi preciso vir para Portugal um etnólogo estrangeiro para que parte de toda uma música de raízes fosse dada a conhecer). De Lopes Graça só há pouco tempo pude obter «MUSICALIA» e «A CANÇÃO POPULAR PORTUGUESA», que são obras importantes para o conhecimento e estudo não só da música portuguesa como da música universal.

● Os trabalhos de Giacometti e Lopes Graça têm constituído uma ajuda para ti?

— Para falar honestamente, eu desconheço, há lá poucos anos, a canção popular portuguesa (praticamente até enir para a Faculdade, em Portugal, onde estudei).

A minha ignorância, é necessário focá-lo, talvez a ignorância da maioria. Não só das pessoas em geral, mas sobretudo dos estudantes. Quando um estudante português, no estrangeiro, é solicitado para cantar uma canção popular, ele canta «O malhão malhão» ou «Viva». É por isso evidente que as obras de Lopes Graça e de Giacometti são uma boa ajuda para o meu próprio trabalho. Sobre tudo o trabalho de Giacometti, com que pude trocar impressões, me poderá ajudar bastante na minha orientação futura.

● Crês ser possível propôr aos cantores da «Nova Música Portuguesa» algum plano de organização para defesa dos seus interesses e da música nacional?

A «nova música portuguesa»

— A única possibilidade que vejo, em Portugal, é a organização de espectáculos, o que sai de antemão difícil (conseguir salas, autorização de toda a ordem, etc.). No entanto é indispensável fazerem-se recitais. E útil fazê-los para estudantes, ir às faculdades, aos liceus. Mas às tantas caí-se na rotina e isto não faz viver ninguém. É o perigo do amadorismo: «Trabalhar 7 ou 8 horas por dia e depois ir para casa fazer música é evidente que não é aconselhável, nem bom. Os que o conseguem fazer são dignos da nossa admiração (caso de Carlos Paredes, que tem feito coisas extraordinárias em guitarra). Mas são verdadeiros heróis da música nacional. E é compreensível que não venham a atingir, a partir de certa altura, o melhor nível, pois não são ajudados. Há mesmo o perigo da canção ser a perder. Em relação ao público, por outro lado, há o perigo de uma certa escolha relativamente ao que se faz: dum lado, — os amadores, que cantam umas coisas; do outro, os Calvários, os Garcias, que são profissionais. Acaba por não haver o devido respeito por nós. O que é importante é que as pessoas considerem que nós somos — temos de ser — músicos profissionais como os outros, que temos um trabalho e não uma distração para entreter os amigos. E que, dentro dum plano musical, nos comparem.

Será preciso organizar espectáculos, tournées por todo o país. E difícil, já se sabe, (as salas, os preços, a aceitação). Mas no princípio poderiam (acho até que deveriam) os estudantes começar. Mas não para levar os cantores para actuaem no meio de balles, como é ainda, infelizmente, costume. Depois, se o cantor puder ser pago, melhor, não isso, não é imprescindível. Se o músico puder viver só para a música, com certeza que isso será melhor também para a música. Mas não para animar balles. A Nova Música Portuguesa não é para animar balles, tem funções bem diversas.

● O teu primeiro disco, da colecção «LE CHANT DU MONDE», é panfletário. Neste último, da colecção «LES UNS PAR LES AUTRES», os poemas são mais danosos, menos «directos», e de resto com muito maior equilíbrio. A que se deve esta evolução?

— Ao trabalho musical. Quando fiz o meu primeiro disco, tinha acabado de chegar a Paris, estava empregado, os meus conhecimentos musicais eram poucos. Era pouco ajudado, foi um disco feito fora do tempo normal do emprego, das tais 7 ou 8 horas, e aqui em Paris é pior. Depois do filme «O SALTO» é que pude começar então a dedicar-me inteiramente à música.

● Como foi que começaste logo a gravar um L. P. no «Le Chant du Monde»?

— Conheci a Colette Magny, uma cantora francesa, e foi ela que me possibilitou isso. Porque na editora estavam interessados em fazer um disco português. Depois houve a amargura disso aqui que não incitaram a continuar (embora essa primeira disco fosse ainda um pouco ingénuo) e de Portugal alguns poetas acreditaram a encorajar-me. Essa ajuda foi para mim muito importante.

Música

e poesia

● Pondo em música a poesia portuguesa pretendes dá-la a conhecer a um público mais vasto, ou ela serve perfeitamente o teu trabalho musical?

— Dar-me a mim um papel altruísta, não.



JOSÉ AFONSO

«A nova música portuguesa não é para animar balles» (Luís Cília)

Acho que é preciso acabar com isso de nós fazerem conhecer a poesia. O trabalho, antes de tudo, é de tipo egoísta. Para eu fazer letras dum canção, em geral ela não presta (perdi muitas horas nisso). Por outro lado havia uma poesia extraordinariamente rica em que ninguém tinha tocado — e de facto era muito melhor fazer canções a partir de bons poemas do que fazer canções inferiores. Agora se o nosso trabalho contribui para fazer conhecer (mais rapidamente, digamos) alguns poetas — tanto melhor. Assim apenas uma minoria pode estar no corrente do que se passa, por exemplo, em poesia. A grande maioria dum povo vive obrigatoriamente afastada destas manifestações; pois tem problemas primários, de ordem económica, a solucionar. Se há destas pessoas que chegam, através de nós, à poesia, melhor. De qualquer modo, repetio-o, não nos deve ser dado o papel de atiristas, pois a poesia portuguesa é bastante «grande» para se defender sozinha.

● Como sabes há uma produção muito válida na jovem poesia portuguesa. Crês poder musicar alguns dos novos poetas, ou isso não se adapta (por questões de ritmo, por ex.) às tuas expressões?

— Para o fazer, o problema que se me põe é sobretudo de ordem formal. Embora sprécie bastante Gastão Cruz, Luís Neto Jorge, Herberto Helder, não posso pensar em fazer música de poemas deles. Cantar e ler um poema são duas coisas distintas. No poema escrito pode voltar-se atrás. A canção é directa, quase imediata, tem de ser compreendida pelo raciocínio lógico.

A canção tem

um papel cultural

● O que é para a ti a canção?

— Basicamente, é uma forma de expressão musical. Hoje pode ser extremamente útil, como pode ser inútil, mesmo nociva. Em Portugal, por exemplo, tem sido bastante prejudicial. Isso vê-se pela audiência que cantores francamente negativos têm junto do público despreparado, que não sabe escolher. A canção é (hoje, sobretudo) um elemento consciencializante. De resto há alguns poetas acreditaram a encorajar-me. Essa ajuda foi para mim muito importante.

Esta, como se sabe, é uma época de crise. O que acontece é que não são conhecidas do grande público, devido a um certo número de factores (má organização da Rádio e TV, problemas económicos do eventual comprador, censura, etc.).

Reportando-me ainda ao caso da poesia portuguesa de vanguarda: fazer música a partir desses poemas é diferente, pois tem

estruturas de pensamento que não cabem nos esquemas lógicos de raciocínio imediato. A música para eles seria já com outras formas (como o «Pierrot lunaire», de Schoenberg, como poemas de René Char interpretados musicalmente por Boulez). Mas isso é diferente. O que quero dizer é que com toda a poesia se pode fazer um trabalho musical. Se um dia tiver possibilidades, não deixarei de tentar exercícios musicais de técnicas diferentes.

● **És um profissional da música. Este é um pormenor muito importante da tua independência, porque em Portugal isso seria com certeza impossível. O que podes dizer sobre isto?**

— Foi a patrão do filme «O SALTO» que me tornei independente. Há factores muito importantes e determinantes dessa independência. Para já, o mercado do disco. Em Portugal vendem-se 500 discos e já é uma festa. Ora quem vende 500 discos não pode viver da música. A não ser que passe na Rádio, na TV, e faça tournées. O profissionalismo na música, já o referi, é muito importante. Por mim acho que a música popular portuguesa só pode sair do estado de zero em que se encontra se de facto houver bons profissionais e pessoas que possam dedicar-se a sério à canção. Embora todo o trabalho desenvolvido até agora por alguns cantores e compositores em Portugal (já referidos atrás) seja corajoso e muito válido.

● **Achas que tens sido bem acolhido em Portugal?**

— Dos 3 discos que fiz só um é que lá saiu durante 3 meses. Os outros praticamente não são lá conhecidos. O disco com música do filme «O SALTO» creio também

não ter sido lá vendido, penso que por desinteresse dos distribuidores dos filmes. As músicas de filmes, só coisas como «Um homem e uma mulher» e do género, com público certo...

● **Os festivais de canções são uma ajuda valiosa para o conhecimento da música jovem. Tens participado em alguns?**

— Participei, há dois anos, num festival da canção de protesto, em Turim, na Itália, em que havia cantores de toda a Europa. E em Cuba, em 1967, num festival com cantores de todo o mundo.

Em França já se organizaram vários festivais (da canção ibérica, por exemplo, com Paco Imañez, Pio de la Serra e eu), mas têm tido pouca repercussão. Em Cuba aconteceu o contrário, porque o festival foi apoiado por todos os organismos do Estado.

● **Vai sair um novo long-play teu em Outubro. O que podes dizer sobre ele?**

— Creio sinceramente ter havido evolução, mesmo na escolha dos poemas. Neste L. P., que em princípio sairá realmente em Outubro, preencho uma lacuna: musico três poemas de Carlos de Oliveira. Além dele estão incluídos no disco poemas de Miguel Torga, Fernando Pessoa, Urbano Tavares Rodrigues, Guerra Junqueiro, Daniel Filipe, José Saramago, e de Fernando Morgado e Francisco Delgado.

Espero que este seja bem distribuído em Portugal e que se venda, claro. Vai-se devagar, mas é preferível que as pessoas aprendam por elas próprias, com inteligência, a escolher o trigo do joio. De resto, antes ir devagar, mas com firmeza, do que depressa e falsamente. «chi va piano va lontano».

JULIO HENRIQUES